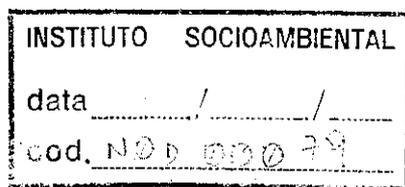


Litoral Gaúcho: Santuário em Risco



Ecosistema com 600km de extensão, o litoral do Rio Grande do Sul abriga duas áreas de proteção ambiental e pode ainda ser considerado um paraíso ecológico. No entanto, a especulação imobiliária, os derramamentos de petróleo e o desenvolvimento econômico começam a ameaçar a região.

Por Carlos Cardoso Aveline (*)

O mundo é pequeno para as andorinhas-do-mar. A *Sterna hirundo*, uma das suas espécies, por exemplo, faz seus ninhos nas regiões temperadas dos Estados Unidos e Canadá, entre maio e julho, aproveitando o verão do hemisfério norte. Depois vem em vôo sem escalas para a zona costeira do sul brasileiro, indo até a Patagônia. Mas em maio já estará de volta, em grandes bandos, aproveitando as belezas naturais da América do Norte para fazer novos ninhos.

As várias espécies de andorinha-do-mar e outras aves viajantes são talvez injustamente chamadas de aves migratórias. Na verdade, elas não *migram*, apenas viajam por suas terras. Como cidadãs planetárias, sabem que o mundo lhes pertence tanto como aos outros seres. Viver é perigoso, mas vale a pena.

As bатуíras-de-peito-vermelho fazem seus ninhos a uma distância de até 1.000km do Pólo Norte. O verão por lá é curto. Quando chega o frio intenso, pais e filhos voam sem parar até o sudeste dos Estados Unidos, onde descansam duas semanas. Comem quase o tempo todo. Então voam direto até a Patagônia, no sul da Argentina, onde passam o

verão do hemisfério sul, entre outubro e dezembro. "Em março, começam a viagem de volta. Mas agora param no litoral gaúcho", explica o professor Carlos Vooren, da Fundação Universidade do Rio Grande (Furg). Quando chegam ao território gaúcho, pesam em média 120 gramas. Aproveitam o pico da abundância de mariscos e crustáceos e, no final de abril, quando partem para o hemisfério norte, já estão pesando 180g. Carregam um terço do seu peso em forma de gordura sob a pele, que será usada como combustível durante o longo vôo. A bатуíra aproveitou a comida farta para trocar as penas, colocando a plumagem nupcial que irá garantir a nidificação no hemisfério norte. No peito, predomina o tom avermelhado; nos hábitos da espécie, o gosto pelos espaços abertos da natureza.

Até agora, as várias espécies de andorinha-do-mar, as bатуíras-de-peito-vermelho, os flamingos, o gaivotão e a fragata, entre inúmeras outras aves, têm encontrado no litoral do Rio Grande do Sul (um vasto ecossistema com 600km de extensão e 10km

(*) Carlos Cardoso Aveline, jornalista, é presidente da União Protetora do Ambiente Natural (Upnan). Correspondência: Cx. Postal 189, São Leopoldo, RS, CEP 93001.

ou mais de largura) uma espécie de paraíso encantado à sua disposição. Só a terça parte mais ao norte do litoral gaúcho apresenta sinais de poluição relativamente intensa. Toda a parte média (entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico) e a região sul do litoral (onde ficam a Lagoa Mirim e a Estação Ecológica do Taim) estão até hoje quase desabitadas e apresentam condições naturais muito preservadas.

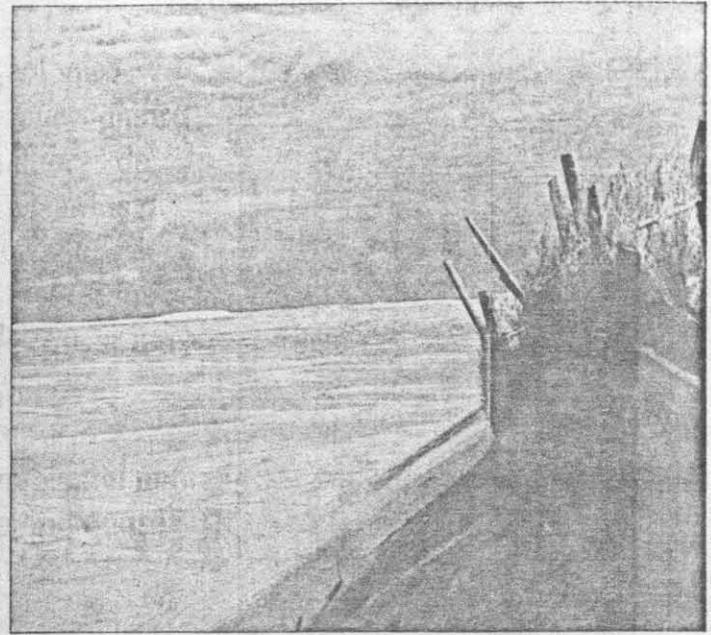
A maior restinga de areia do litoral brasileiro foi, até hoje, desprezada pelo modelo econômico vigente. Medindo 302km entre Palmares do Sul, no norte da Lagoa dos Patos, e São José do Norte, junto ao seu estuário, no extremo sul, esta faixa de areia tem, em termos de presença humana, um ar de imensidão solitária, pairando sobre o vento, a areia e o mar.

Um dos principais municípios da região, Mostardas, possui uma densidade demográfica de pouco mais de quatro habitantes por quilômetro quadrado (dados de 1980). A imensa restinga acompanha uma praia quase reta. Ali existem algumas áreas de mata nativa, mas predominam as dunas de areia, com vegetação pequena, pioneira, além de numerosas lagoas de formação recente, do ponto de vista geológico.

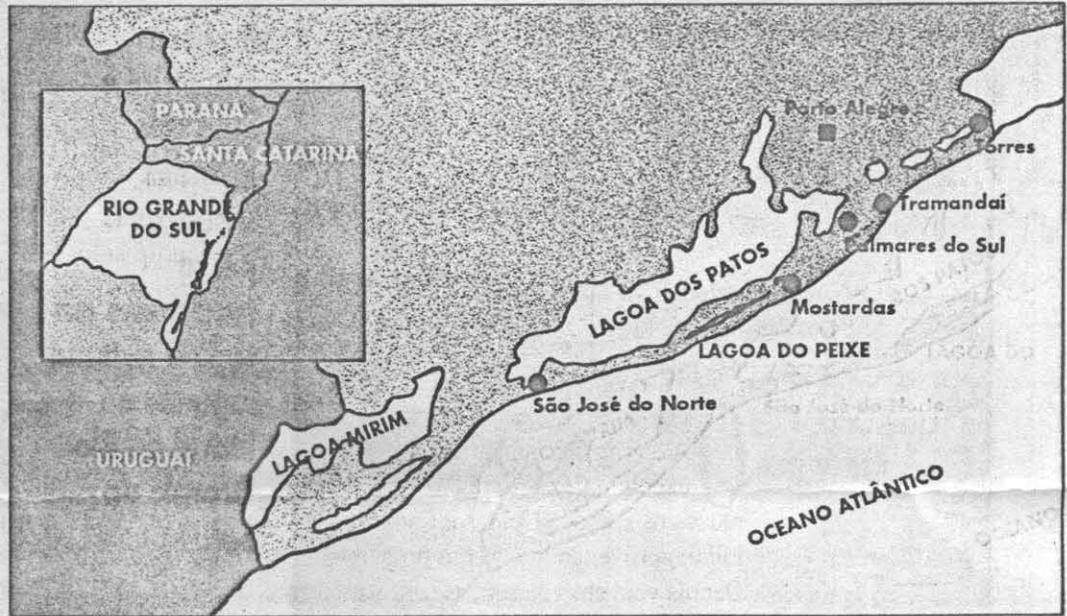
As praias desse litoral não têm mais que quatro mil anos. O conjunto de lagoas dá um caráter único à faixa costeira. Mas, seja pela sedimentação do mar, seja pela sedimentação causada pelos rios que desembocam no oceano, essas lagoas tendem a desaparecer num período geologicamente curto. Mesmo a imensa Laguna dos Patos, segundo lago da América do Sul em extensão, está encolhendo dia a dia. Se depender da natureza, no entanto, o solo ficará mais rico e haverá mais vegetação.

Um tempo geológico *breve* significa milhares de anos. Mas a sociedade atual é capaz de causar um grande impacto ambiental num tempo quase nulo. E o destino dessa grande faixa de terra, com suas águas doces, salobras, água do mar, dunas e vegetação pioneira constitui uma questão eco-

Um tempo geológico breve significa milhares de anos. Mas a sociedade atual é capaz de causar um grande impacto ambiental num tempo quase nulo.



Carlos C. Aveline/Upam



Christiane S. Mesquita

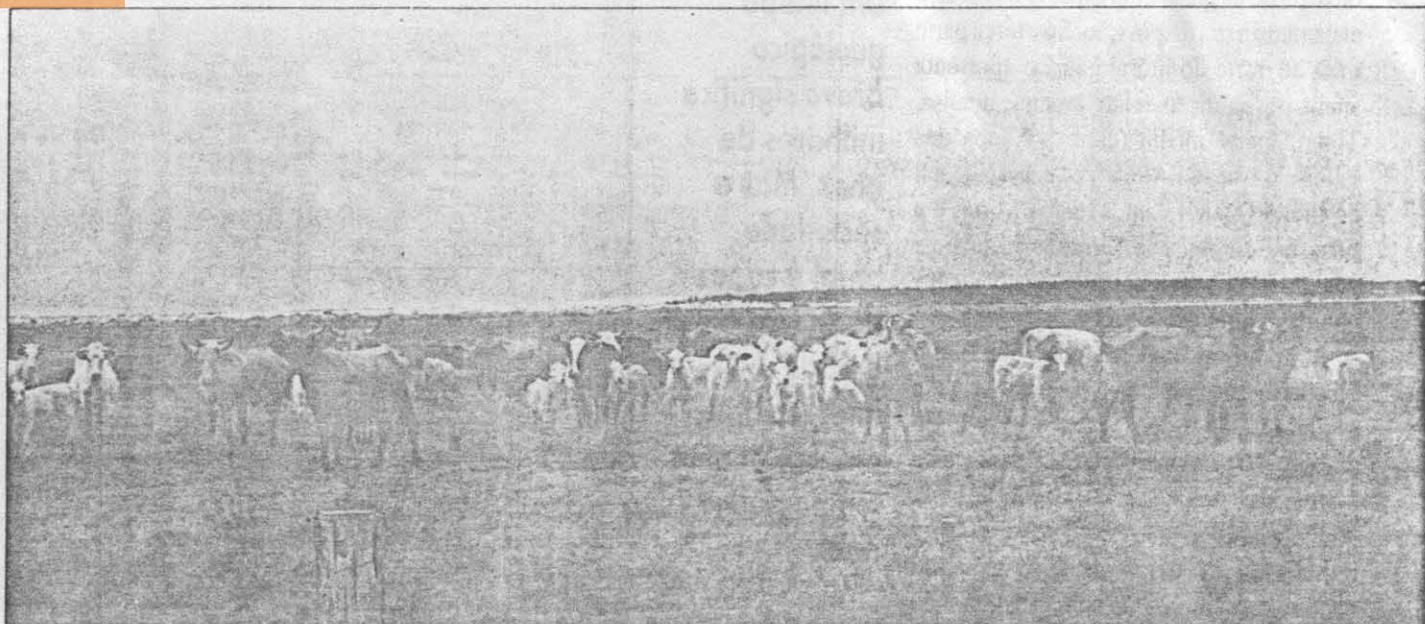
lógica de grande importância para o que resta do século 20. É um instante, mas pode ser decisivo. A estrada que atravessa essa restinga está sendo lentamente asfaltada há anos.

Com o asfalto, a região estará integrada economicamente a uma dinâmica social ecologicamente insustentável. Os derramamentos de petróleo no mar, os projetos de reflorestamento comercial com pinus e eucaliptos, as retiradas de areia das dunas para construção e a ocupação desordena-

De grande beleza, a planície costeira do Rio Grande do Sul (alto) abriga a maior restinga de areia do litoral brasileiro: de Palmares do Sul a São José do Norte (veja mapa) são 302km.

da do espaço podem liquidar a pesca artesanal, a agricultura tradicional e toda a economia de pequeno porte que até hoje preservou este frágil ecossistema. Mas há motivos para se ter esperança.

Ao sul do estuário da Lagoa dos Patos (que tecnicamente não é uma lagoa porque se comunica com o oceano) fica a Estação Ecológica do Taim, com seus 32 mil hectares legalmente preservados, mas ainda sendo drenados por grandes plantadores de arroz. O Taim tem problemas. Não há autonomia do Ibama para punir os que vão destruindo aos pou-



Fotos: Angela Hartmann/Upan



A pesca industrial é uma das grandes ameaças à pesca tradicional em todo o sistema lagunar e litoral do Rio Grande do Sul.

cies de maçaricos, entre muitas outras aves, é o melhor local do Brasil para refúgio entre viagens em que as colônias de pássaros oceânicos voam dias e noites ininterruptamente, durante semanas.

Como o Taim, porém, a Lagoa do Peixe está ameaçada. Os pescadores tradicionais do local usam cerca de 800 redes para apanhar camarões. Essa é uma atividade antiga, mas todos os anos, na temporada de pesca, são colocadas mais de três mil redes para a captura de camarão. O excesso corre por conta dos forasteiros, vindos de Torres ou de Santa Catarina. A pesca industrial é uma das grandes ameaças à pesca tradicional em todo o sistema lagunar e litoral do Rio Grande do Sul.

Outra ameaça à Lagoa do Peixe são as grandes lavouras de arroz. Dos 34.400ha do Parque, apenas cerca de 200 foram desapropriados dos seus antigos proprietários. Com sua antiga falta de recursos, o Ibama avança muito devagar, apesar dos esforços do diretor do Parque, Júlio Gonchorosky. Se o órgão ambiental avançasse mais decididamente, acabaria descobrindo o óbvio, que já foi denunciado pelo ecologista José Truda Palazzo Jr. há anos: não são muitas as terras por indenizar.

“Uma grande extensão da área protegida pelo decreto de criação do Parque já é de propriedade pública, segundo a legislação atualmente em vigor”, escrevia Truda em 1988. “São terrenos de marinha e acrescidos, margens de lagoa, etc. Só que estes

cos esse grande banhado. A unidade de conservação, porém, está lá: é uma questão de lutar pela sua integridade.

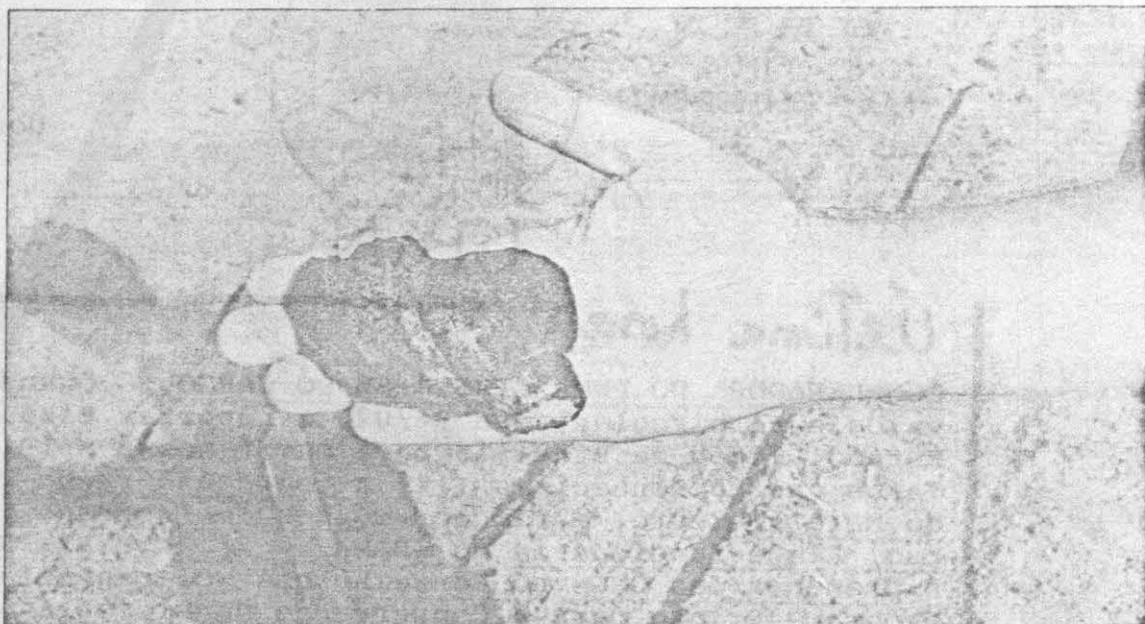
Mais ao norte, em plena restinga da Laguna dos Patos, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe se destaca pela sua importância para as aves migratórias.

Rasa, com profundidade que varia de 10cm a 80cm ao longo do ano, na época de cheias a Lagoa do Peixe se comunica com o mar. É então que entram os camarões para procriar no seu interior, fazendo a alegria dos pescadores artesanais e também dos pássaros de todo o tipo.

No alto, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe: invadido por criadores de gado. Acima, uma das estradas que cortam a região: a precariedade tem garantido a preservação ambiental.

O Parque da Lagoa do Peixe, criado em 1986, abrange a lagoa, todo seu entorno, e também, na sua metade sul, 1km de mar adentro. Com 40km de extensão e 34.400 hectares, inclui parte dos municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte. A lagoa é considerada pelos pesquisadores um verdadeiro restaurante a céu aberto para dezenas de milhares de pássaros que dividem os 12 meses do ano entre os extremos dos hemisférios norte e sul. Para diversas espé-

A grande faixa costeira, apesar da sua produção de lã, cebola, arroz e pecuária, é vista como a região mais atrasada do Estado. Por isso mesmo é, até hoje, um santuário ecológico.



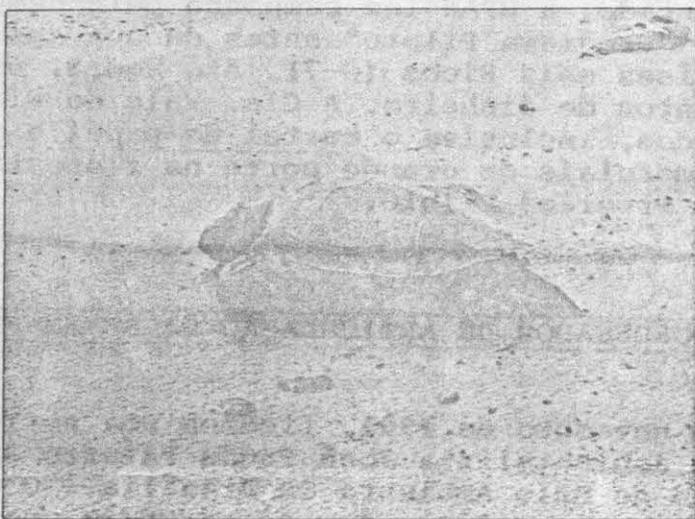
Angela Hartmann/Upan

terrenos públicos foram ao longo do tempo sendo ocupados, invadidos, cercados irregularmente pelos proprietários marginais..."

Logo que o Parque foi criado, os proprietários de terras do município de Tavares, que possuem áreas relativamente pequenas, entre 40 e 60ha cada, se revoltaram. Com apoio do prefeito da época, criaram uma situação de resistência à implementação do Parque.

Num Parque Nacional, de acordo com a lei, é proibida toda e qualquer atividade econômica. Nem a pesca tradicional poderia ocorrer, nem a agricultura feita há muitas décadas. Mas se no papel a criação de um Parque Nacional foi algo radical, na prática ocorre exatamente o oposto. O diretor do Parque não tem recursos nem pessoal para fiscalizar e administrar 34.400ha. Não há força política, por parte do Ibama, para impedir sequer a pesca abertamente predatória.

A maior ameaça não vem certamente dos moradores locais, gente calma, pacata, descendente dos colonizadores açorianos e escravos negros que ocuparam a restinga da Lagoa dos Patos, criando Mostardas, Estreito, Bojuru, Tavares e São José do Norte, a partir de 1725. Com a interiorização da ocupação portuguesa do território do Rio Grande do Sul, no final do século 18, a região caiu no esquecimento e ficou escassamente povoada. As áreas de colonização italiana e alemã se destacaram economicamente no contexto gaúcho. A grande faixa costeira, apesar da sua produção de lã, cebola, arroz e pecuária, é vista como a região mais atrasada do Estado. Por isso mesmo é, até hoje,



Upan

As "bolas" de petróleo espalhadas em boa parte das praias gaúchas chegam a concorrer com o número de conchas (alto). O impacto da poluição sobre as diferentes espécies animais, na verdade, já se faz presente (acima).

um santuário ecológico. Aparentemente inóspito, pode atravessar os séculos. Mas nem essa afirmação deve ser feita com demasiada força. Afinal, o asfalto da estrada a Porto Alegre vem chegando. Sem falar das manchas de petróleo derramado que vão cobrindo as praias, a cada ano, com mais intensidade.

Em pelo menos 400 dos 600km de litoral gaúcho, bolas de piche e petróleo são tão ou mais numerosas do que as conchas na beira da praia. Os técnicos da Fundação Universidade do Rio Grande têm quase certeza: a responsabilidade, na maior parte dos casos, é do Terminal da Petrobrás em Tramandaí. Mas a estatal, grande fonte de poluição em todo o litoral brasileiro, diz que nada tem a ver com os fatos.

Percorrendo o Parque Nacional da Lagoa do Peixe no final de 1991, pude constatar o alcance do derrame de petróleo no litoral gaúcho e o seu impacto sobre a vida das diferentes espécies.

Pelo terceiro ano consecutivo, a União Protetora do Ambiente Natural está pedindo providências à Procuradoria da República no sentido de que se tenha um mecanismo de defesa efetiva da faixa litorânea, patrimônio nacional segundo a própria Constituição brasileira.

A lei federal 7.661, de maio de 1988, instituiu o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro para todo o litoral do País. O objetivo central é preservar e garantir o uso racional dos recursos naturais. O plano até hoje não saiu do papel e todo o litoral continua abandonado à especulação imobiliária e às fontes poluidoras.

Apesar da seriedade das ameaças que pesam sobre o litoral, porém, lá está, a leste da Lagoa dos Patos, uma imensa região natural preservada por séculos. Uma planície costeira quase intacta, com o mesmo aspecto que tinha ao ser visitada, em 1531, pelo navegador português Martim Afonso de Souza.